

A arte da palavra escrita no emaranhado das cidades atuais

Profa. Dra. Nildecy de Miranda Nascimento¹ (UFBA/FAT)

Resumo:

O reconhecimento do fenômeno multicultural, reorganizado pelas conveniências do mercado e agenciado pela publicidade, ganha força no diálogo intercultural que se lança por cima do controle das nações. Esse fenômeno é cada vez mais facilitado pelas novas modalidades de comunicação, como as redes sociais. Iluminado por reflexões de teóricos como Silviano Santiago (2004) e Stuart Hall (2006) este texto insiste na importância do texto literário na complexa rede de relações que movimenta a vida contemporânea, em que os valores culturais se revezam, alterando-se os papéis e as noções de hegemonia e de tradição. Defende, também, que é necessário criar estratégias de preservação das culturas locais.

Palavras-chave: tradições locais, globalização cultural, diversidade cultural, literatura.

*No mundo há armadilhas
e o que é armadilha pode ser refúgio
e o que é refúgio pode ser armadilha
(Ferreira Gullar)*

1 Introdução

Em presença de uma cultura de massa, onde as formas de convívio se estabelecem a partir das novidades divulgadas pelos meios de comunicação, torna-se indispensável preservar elementos das tradições locais. Entre estratégias possíveis dessa preservação, a literatura de um povo permanece como lugar em que se preservam tanto elementos das tradições regionais, como elementos da tradição universal. No meio da constatação de que os códigos da cultura global reconfiguram as paisagens identitárias, a boa literatura, cujo poder referencial, por ser dotado de um rico conteúdo ético, aponta para a representação do real estado de coisas, preserva uma importante feição educativa.

2 Argumentação

No artigo intitulado “Literatura e cultura de massa”, publicado no livro *O cosmopolitismo do pobre* (2004), o escritor Silviano Santiago relembra o seu pertencimento a uma geração que se educou sob o estabelecimento avassalador da cultura de massa. Vinda dos Estados Unidos, essa cultura invadia o modo de viver das cidades brasileiras sob a forma de máquinas elétricas para o trabalho doméstico, aviões e zeplins que cortavam os céus e era divulgada através dos meios de comunicação, impondo-se através de filmes, desenhos animados e seriados.

1 Autora

(Profa. Dra. Nildecy de Miranda Nascimento)

Universidade Federal da Bahia/ Faculdade Anísio Teixeira (UFBA/ FAT)

E-mail: nildecy@bol.com.br

O modo de implantação da cultura de massa no Brasil testemunhada pela geração de Silviano Santiago rechaçava, conforme testemunho do próprio autor, “as formas tradicionais de espetáculo e de entretenimento, como o circo, o parque de diversões e as festas religiosas, com suas barraquinhas, comes e bebes, danças e folguedos típicos” (SANTIAGO, 2004, 107). Em qualquer cidadezinha do interior do país, o imaginário dos habitantes passou a ser preenchido pela cultura da imagem norte-americana, que minava o campo do tradicional repertório de histórias populares brasileiras. Este era apenas o começo de uma modificação radical de costumes e de comportamentos, que hoje já se consolida nos mais diversos pontos do Brasil. Os meios de comunicação se tornaram canais efetivos de uniformização cultural, em que a publicidade elege e legitima as formas possíveis, para não dizer as mais convenientes, de convivência, de entretenimento, e de expressão.

A par da perecibilidade da máquina e dos seus produtos bem como da descartabilidade dos processos contemporâneos, Silviano Santiago, como qualquer escritor que retire do seu tempo o material para sua escritura, inclina-se à defesa de uma literatura que, libertando-se dos valores isolacionistas, dialogue com a cultura de massa e se aproprie dos modelos técnicos importados, para produzir conteúdos com novas linguagens. O autor recorre à metáfora benjaminiana que compara o pintor - símbolo do escritor tradicional - ao cinegrafista, demonstrando como este último está mais aparelhado para dialogar com o presente.

De fato, o cenário atual, movido pelo discurso da mídia, ambienta uma produção artística voltada ainda mais para as necessidades do leitor de nosso tempo, afeito à estética das sucessivas passagens, à linguagem adequada a um mundo em que tudo é passageiro e está em constante mudança. As cidades se tornaram cenários de uma imensa diversidade cultural e presenciam incessantemente ao surgimento de novas formas estéticas, engendradas no embaralhamento entre aspectos da cultura global e das culturas locais, não raro com ofuscamento da última pela primeira, o que constitui, a nosso ver, um problema. As novidades chegam rapidamente a todos, mediante a popularização do acervo de meios tecnológicos de comunicação, cada vez mais acessível aos mais pobres, que engrossam a massa de participação nos eventos. Os livros, que durante muito tempo tiveram grande peso na educação formal e a convivência comunitária, com suas manifestações religiosas e populares, em que se transmitia a cultura às novas gerações, concorrem hoje com um poderoso aparato tecnológico em que se codificam outras linguagens, como a linguagem visual das telas do cinema, da televisão, do computador, dos monitores de games, que desafiam à leitura dinâmica de seus ícones e símbolos, e da música eletrônica em geral. As novidades são fascinantes, pelas promessas de conforto, de inclusão, de participação, quase todas alicerçadas numa perspectiva do efêmero, em que há sempre uma possibilidade de substituir o que está em cena antes que o novo se torne velho. Nesse cenário, normas reguladoras programam os comportamentos para ocorrerem em série e provocam uma espécie de domesticação do homem e de seus modos de ser. As pessoas, em sua grande maioria, vivem em regime de urgência, respondendo, quase de modo automático, aos apelos do consumo e às formas emergentes de convivência e de expressão. Na teia complexa em que as relações humanas se movimentam, os valores culturais se revezam, motivados pela concorrência de uma pluralidade de discursos, dentro dos quais as paisagens identitárias se desorganizam e se reconfiguram com frequência, sem passar, na maioria das vezes, por decisões individuais, uma vez que a estrutura legitimada via discurso publicitário sugere as necessidades, os modos de lazer e de entretenimento, organiza as formas de morar, de educar os filhos, de exercitar e de alimentar o corpo. No meio dessa mobilidade o passado se esfumaça.

Stuart Hall (2005), um dos muitos autores recentes a verificarem o fenômeno de desintegração das noções tradicionais de sujeito, num estudo dedicado ao fenômeno da globalização no final do século XX, analisa os efeitos da mesma sobre as identidades culturais. Ele destaca a atualidade do fenômeno multicultural, iluminando as motivações do mesmo no contexto contemporâneo. O autor insiste no argumento de que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural e de que as transformações

do mundo estão também mudando as nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Incluídas em sua análise estão as novas características temporais e espaciais que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, entre elas a compressão do espaço-tempo, o embaralhamento das noções de espaço e de lugar, o deslocamento dos símbolos identitários, com consequente impacto sobre os modos de representação e de compreensão de si mesmo e da própria cultura:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e traduções específicos e parecem “flutuar livremente” (Stuart Hall, 2005, 75)

A recorrência vem, em princípio, em consequência de contradições entre a variedade de discursos identitários e uma tendência uniformizadora da cultura de massa, vista em suas circunstâncias atuais. Enquanto a cultura local se dispersa, quando não adormece sob os modos de viver emergentes, uma espécie de vazio cultural se estabelece no local de algumas culturas, como se observa no caso do esvaziamento das tradições na maioria das cidades brasileiras. O que se fez com a tradição ou, melhor dizendo, com as tradições?

Silviano Santiago, escritor que muito contribui com a reflexão em processo, discutiu aspectos da inclusão dos mais pobres nas nações mais desenvolvidas. Em *O cosmopolitismo do pobre*, publicado em 2004, o escritor demonstra que a questão econômica é responsável pelo deslocamento dos mais pobres em busca de melhores condições de vida. A real inclusão dos mais pobres nas nações desenvolvidas, entretanto, encontra como obstáculo uma enorme resistência no elemento cultural. Para ele, o vazio cultural sentido pelo emigrante será tanto maior quanto maior for a perda de sua língua materna. Para ilustrar, o escritor dá como exemplo a incomunicabilidade de um filho de emigrantes, ao fazer a viagem de volta em busca dos seus antepassados.

Nosso objeto de análise pode-se servir parcialmente do exemplo. As diversas formas de expressão cultural para onde todos, pobres e ricos, se projetam, desterram-nos de suas formas originais de expressão. A aparência de homogeneização, neste sentido, se torna falsa, porque os grupos apenas aderem ao que está em voga. Suas formas de expressão culturais mais antigas são pulverizadas, com consequentes impactos nos modos atuais de convivência. Veja-se, como sintoma, o isolamento das pessoas, que se tornou uma tendência nas grandes e, até mesmo, nas pequenas cidades brasileiras, à medida que a globalização econômica impõe estilos de vida e modifica a cultura. As formas de trabalho e estudo, de diversão e de moradia, impõem ao indivíduo o isolamento crescente, retirando-o de pequenas comunidades e diluindo-os nas multidões urbanas, onde ele passa a exercitar o anonimato. A atração pelo progresso e seus oferecimentos técnicos concorrem, portanto, com a depressão, com a solidão, assim como concorrem com a perda da tradição, o solapamento das atividades comunitárias, das formas de convivência coletivas, e a depreciação dos elementos culturais de raiz. Um novo colonialismo cultural impede que se preservem valores transmitidos ao longo dos séculos. Serve-nos como exemplo a convivência no ambiente das redes. É importante questionar até que ponto a convivência nas redes é verdadeiramente significativa, comparada às formas tradicionais de conviver. A questão não é simples, decerto, assim como não se pode negar os benefícios gerados pelo desenvolvimento destas modalidades de comunicação. Vale à pena, no entanto, permitir que a memória se perpetue em valores ainda possíveis de se cultivar, ao mesmo tempo em que, inseridos no presente, desfrutamos das benesses da tecnologia moderna. Essas conquistas, para serem reais, exigem, em princípio, um pré-requisito ético, para que não paguemos o preço alto de uma crise generalizada de valores que poderá interessar principalmente aos responsáveis pela produção dos bens e dos serviços, conforme o seguinte trecho em que Stuart Hall descreve o fenômeno a que denomina de homogeneização

cultural:

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca*, internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. (2005, 76)

Na contramão de uma tendência que assimila indiscriminadamente as novidades, Silviano Santiago, em “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978), já atacava o discurso crítico dos intelectuais ofuscados pelo magnetismo das culturas europeias que nos colonizaram, apontando como valor do intelectual latino-americano a habilidade de encontrar valores em sua própria cultura, propondo uma recepção antropofágica das influências recebidas. O desafio do pluralismo com a abertura para múltiplas possibilidades de crenças, de valores e de estilos de vida não deveria pressupor a derrubada inconsequente de tradições consolidadas, uma vez que a nossa memória coletiva ainda retém um legado substancial de crenças e valores que determinaram nossos modos de estar no mundo e dentro do qual nossos antepassados se reconheceram. Um exemplo típico está no Nordeste, em que os festejos juninos, tradicionalmente um intenso momento de convivência da comunidade, foram invadidos pelas estratégias do mercado. As festas anteriormente organizadas em pequenos arraiais foram substituídas pelas apresentações de palco, onde a diversão é planejada por elementos externos, financiada pelos poderes públicos locais ou pelos investidores do segmento comercial do divertimento. As pessoas que ali comparecem quase sempre já não conservam afinidades, fazem parte de uma multidão fragmentada. Há, nesse exemplo, no entanto, um interessante sintoma de como os elementos da cultura de raiz continuam interessando. É o caso do forró pé de serra, com o qual o público nordestino continua, em geral, identificando-se. Nas cidades nordestinas as músicas cantadas por Luiz Gonzaga continuam presentes, a despeito da grande leva de bandas de forró que surgem e que desaparecem com frequência.

Sobre a questão literária

A literatura é também afetada pelo fenômeno das novidades do ‘supermercado cultural’ referido por Stuart Hall, tendo em vista a má vontade de nossa geração para a leitura de livros, já que o cinema é uma forma de narrar muito mais apropriada ao gosto de nossa época. A juventude, cuja retina se acostumou à vertiginosa sucessão das imagens, tem dificuldade para acompanhar o monocromatismo da letra sobre o papel, principalmente quando, aliada a essa habilidade, exige-se a necessidade de formular abstratamente os cenários, as personagens envolvidas, as circunstâncias das cenas. Os mais jovens estão cada vez mais distantes do hábito da leitura, solitário em si mesmo pelo que exige de concentração e de quietude. As alternativas se apresentam em outras modalidades de leitura, em telas coloridas e muito mais dinâmicas, diante das quais o valor e a grandeza do texto literário se perde para a maioria e se aguça diante dos que insistem num olhar mais atento. Quando assisti ao filme *Ensaio sobre a cegueira* (Brasil, 2008) saí do cinema inclinada a acreditar que um grande livro não cabe na narrativa cinematográfica, pelas sucessivas camadas de imagens que nele se apresentam, em vias de acontecer. Diversamente do que ocorre no livro, o filme apresenta ao espectador a imagem pronta, reduzida, de certo modo, à forma única de interpretação. O filme é uma escolha e um oferecimento, uma possibilidade e uma formulação levada a efeito. O livro apresenta o material criativo no ponto exato para que cada leitor formule, ele mesmo, suas imagens. Nesse exercício de imaginação, o leitor movimenta o seu vocabulário, desentranhando a linguagem através desse exercício de fantasiar. O texto literário exige mais do leitor e lhe dá o tempo necessário para sua luta silenciosa com as imagens e com as palavras, cujo subsolo escava para

construir a visualidade antes de fruí-la.

Em palestra realizada na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1993, Silviano Santiago, reconhecendo que não é fácil conseguir leitor para os livros “neste momento em que a obra de arte atravessa a era gloriosa de sua reprodutibilidade técnica, agora sob roupagens eletrônicas” (SANTIAGO, 2004, 118), defendeu a atualidade da literatura vendo nesta “o lugar de um contrato que atesta a perenidade do produto e a imortalidade do autor após a obra” (2004, 121). Embora cético em relação ao diálogo que o texto literário possa manter com os seus contemporâneos, ele, que também defende a atualidade da função política do cinema como manifestação estética, chega a ver na literatura produzida em tempos de hegemonia da cultura de massa uma maior autonomia em relação aos custos de produção e aos interesses econômicos em voga. Seu otimismo deriva, em parte, do pressuposto de que a literatura sempre atravessou as épocas de modo anacrônico, sendo pouco dada ao comércio com seus contemporâneos. A esse respeito, cita o prólogo “Ao leitor”, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que Machado de Assis se refere ao problema da solidão do escritor. Sem compromisso com o retorno financeiro imediato que se exige às produções para a massa, o escritor fica mais à vontade para corresponder ao compromisso com a coletividade. Esse compromisso começa com uma compreensão da atualidade a partir de um contexto mais amplo em que presente e passado dialogam. Silviano Santiago acredita que

todo texto literário, por mais alheio que seja aos valores do passado, movimenta direta ou indiretamente formas de tradição que são o palco onde se desenrolam os acontecimentos presentes que real e virtualmente se representam no tempo anacrônico e no espaço atópico da escrita. (SANTIAGO, 2004,122)

O excerto dá visibilidade à riqueza do conteúdo codificado no espaço silencioso do texto escrito, onde estão presentes vozes do passado e da tradição; chama atenção para o valor do texto literário como alternativa para não perdermos de vista o nosso sentido histórico e a noção de onde viemos, estando melhor aparelhados para olhar o presente com argúcia em tempos de imediatismo e de consumo do efêmero.

De como acordo com o escritor inglês Thomas Stearns Eliot (1919), o sentido histórico “implica a percepção não apenas da caducidade do passado, mas de sua presença” (1989, 39). Por essa razão, o significado e a apreciação que fazemos de um artista– e portanto da arte – para Eliot, constituem a apreciação que fazemos de sua relação com os artistas mortos:

O sentido histórico leva um homem a escrever não somente com a própria geração a que pertence em seus ossos, mas com um sentimento de que toda a literatura, europeia, desde Homero e, nela incluída, toda a literatura de seu próprio país têm uma existência simultânea e constituem uma ordem simultânea (1989, 39)

A mentalidade de um povo para Eliot, é uma mentalidade muda, que não abandona o passado, nem mesmo o mais distante passado presente nos desenhos rupestres dos primeiros artistas. Essa mentalidade é atravessada por peculiaridades que expressam a voz humana em seu sentido mais singular e resulta de uma convivência depurada através dos séculos: uma convivência que se dá ao mesmo tempo nas práticas cotidianas, mas que se equaciona na profundidade de toda uma cultura.

O princípio estético defendido por pela crítica literária de Eliot se aplica a nossa necessidade de pertencimento, para fazer frente ao vazio cultural que toma corpo nos nossos dias. Quanto mais conscientes estivermos da importância do passado, mais preparados estaremos para dialogar com a contemporaneidade, participando dos eventos modernos sem cair no vazio do não-lugar. Diante disso, o intelectual não pode deixar de permanecer atento à tentativa de harmonizar o velho e o novo, sempre que for chamado a se pronunciar a respeito de questões de literatura e de cultura.

Estar em seu tempo significa, em princípio, perceber as circunstâncias do presente com discernimento, sem permitir que seus cânones críticos sejam amputados pela necessidade de aderir aos modismos em voga. Paralelamente à euforia das novidades, faz-se necessário exercitar o recolhimento e encontrar sentido nos eventos.

O texto literário codifica sentidos que se extraem do inconsciente coletivo e que permanecem vivos. Ele contém tessituras de valores plurais, entrelaçando o passado e o presente, os valores da tradição regional e os valores de uma tradição universal, no sentido levantado por T. S. Eliot, que é o de uma ordem simultânea entre o presente e o passado, sentido do temporal e do atemporal reunidos. Se não há como retornar ao passado, conhecê-lo é condição para responder às expectativas sobre o futuro. A importância do conhecimento via literatura, a sua indispensabilidade às gerações contemporâneas advém do valor intrínseco do texto literário, conforme a capacidade que tem a literatura de encarar o mundo em suas facetas mais singulares e, ao mesmo tempo, mais plurais. Michael Hamburger, discorrendo sobre questões de poesia, demonstra o modo de operação e de descoberta com que a literatura – no caso, a poesia – potencializa as palavras. Acredita que a poesia tem o mesmo objetivo da religião e da ciência e cita o seguinte trecho: “A poesia é o alento e o espírito mais refinado de todo o conhecimento, infundindo a sensação nos objetos da própria ciência (2001, 39)”. O homem empírico carece desse alimento, por mais que a nossa geração resista ao hermetismo e ao tradicionalismo do texto escrito, linguagem que concorre com outras linguagens, mais dinâmicas e mais coloridas. Carece-se da poesia e não apenas da poesia dos poemas, porque se carece de beleza, assim como se carece de sentido neste momento de abundância e crise. A linguagem mimética que caracteriza o texto literário reorienta para a ressignificação do mundo a partir dos mecanismos interpretativos que o texto solicita. A perspectiva mítica que há no centro dos processos estéticos pode absorver parte da insatisfação contemporânea e proporcionar uma compreensão mais eficaz de eventos do presente.

As motivações que fazem da literatura um espaço privilegiado esbarram, no entanto, na questão de que estratégias textuais podem interessar às gerações contemporâneas. O desinteresse pela leitura é real, como real o poder educador dos bons textos. Eles deixam no leitor marcas, às quais ele poderá recorrer em momentos cruciais de sua existência. Os textos interessarão tanto mais quanto mais empenhados estivermos nós, os que somos responsáveis pela educação das gerações mais jovens, em apresentá-los e, se possível, em traduzi-los. Traduzi-los significa descobrir maneiras de apresentá-los em sua forma mais viva, ato para o qual nos devemos despir de preconceitos. Contamos, infelizmente, com a arrogância discursiva de alguns se entregam à leitura meramente acadêmica, sem considerar que a pluralidade já se apresenta nas descobertas das formas possíveis de se ler, o que foge, de certo modo, ao controle das bulas pedagógicas. O ato de ler um texto é uma atividade rica de possibilidades, pois os textos surpreendem com mensagens tão diversificadas quantos forem os leitores e as circunstâncias da leitura. O mesmo leitor pode voltar a ele muitas vezes, sempre encontrando novidades. A boa literatura é irmã do jogo, pela capacidade de desafiar e de provocar a iniciativa e a imaginação, estratégia pela qual nos mantém um pouco menos objetos dos automatismos dos eventos contemporâneos.

À proporção que o texto literário educa, ele transmite experiências culturais, pela tradução do que está codificado através das gerações de escritores. No fundo da trama, duas frentes se cruzam: a circunstâncias sociais e históricas e as singularidades do homem, em sua humanidade. Esse fato admite o diálogo com gerações anteriores e com a tradição que está guardada dentro de expressões culturais antigas e peculiares, da cultura local. Só assim a diversidade continua sendo mantida e a cultura poderá resistir à onda uniformizadora sem que se perca. Permanecer no passado nos torna anacrônicos, mas o extremo oposto nos fragiliza.

Conclusão

Esse texto chama a atenção para o lugar ocupado pelas formas tradicionais da literatura e da cultura diante da diversidade de valores que tomam conta da nossa vida modernamente. Pretendeu demonstrar que, para nos inserirmos no presente com segurança, não podemos deixar de nos manter atentos a valores do passado. Aponta o perigo de nos perdermos quando este passado se perde, com seu legado de vivências compartilhadas. De modo um tanto perigoso, mediante o discurso em voga dos estudos culturais, propõe uma conclusão conciliatória entre estar aberto às novidades culturais e não negligenciar o legado de nossas tradições. Se admitimos na pluralidade um progresso, faz-se necessário questionar os modismos e suas motivações. Para o intelectual, mais do que isso, torna-se indispensável assegurar a permanência de um discurso que interroge os eventos do presente para prevenir possíveis falhas, que o futuro poderá nos apontar. No caso específico do texto literário, ele pode contribuir para a preservação de valores, à medida que o livro realiza, por via do espaço da leitura, o diálogo de gerações passadas com as gerações mais jovens.

REFERÊNCIAS:

- ELIOT, T. S. "Tradição e talento individual". In.: *Ensaaios*. (Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira). São Paulo: Art Editora, 1989.
- GULLAR, Ferreira. *Melhores poemas*. São Paulo: Global editora, 2004.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia – tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. São Paulo: Cossac Naif, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos – ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTIAGO, Silviano *O cosmopolitismo dos pobres*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.